



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI  
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**THAIS LORRANY SANTANA SOUSA**

**A IMPORTÂNCIA DO JORNAL *O TELÉGRAFO*  
NA REPERCUSSÃO DA BALAIADA NO CONTEXTO PIAUIENSE**

**PARNAÍBA-PI  
2024**

**THAIS LORRANY SANTANA SOUSA**

**A IMPORTÂNCIA DO JORNAL *O TELÉGRAFO*  
NA REPERCUSSÃO DA BALAIADA NO CONTEXTO PIAUIENSE**

Artigo apresentado à Universidade Estadual do Piauí, campus Professor Alexandre Alves de Oliveira, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em História.

Orientador(a): Dr. Felipe Augusto dos Santos Ribeiro.

**PARNAÍBA-PI  
2024**



**GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ**  
**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI**  
**CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO**  
**CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA**  
**COORDENAÇÃO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**



**ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**  
 (conforme RESOLUÇÃO CEPEX 014/2011 de 13 de maio de 2011)

Aos três dias do mês de junho de dois mil e vinte e quatro, às 19:00 horas, na sala virtual do Google Meet <<https://meet.google.com/bfs-wkco-yfg>>, na presença da banca examinadora, presidida pelo professor **Felipe Augusto dos Santos Ribeiro** e composta pelas seguintes professoras membros: **Talyta Marjorie Lira Sousa** e **Lêda Rodrigues Vieira**, a aluna **Thais Lorrany Santana Sousa** apresentou o Trabalho de Conclusão de Curso na graduação de Licenciatura em História, como elemento curricular indispensável à colação de grau, tendo como título: **A IMPORTÂNCIA DO JORNAL O TELÉGRAFO NA REPERCUSSÃO DA BALAIADA NO CONTEXTO PIAUIENSE**. A banca examinadora reunida em sessão reservada deliberou e decidiu pela aprovação da candidata. Eu, professor Felipe Augusto dos Santos Ribeiro, na qualidade de presidente da banca lavrei a presente ata que será assinada por mim, pelos demais membros e pela aluna apresentadora do trabalho. Obs.: A banca examinadora atribuiu a nota 10 ao referido Trabalho de Conclusão de Curso.

\_\_\_\_\_  
 Prof. Dr. Felipe Augusto dos Santos Ribeiro  
 Presidente da Banca Examinadora

\_\_\_\_\_  
 Prof.ª Ma. Lêda Rodrigues Vieira  
 Membro da Banca Examinadora

\_\_\_\_\_  
 Prof.ª Dra. Talyta Marjorie Lira Sousa  
 Membro da Banca Examinadora

\_\_\_\_\_  
 Thais Lorrany Santana Sousa  
 Aluna

Dedico este trabalho aos meus pais, que nunca mediram esforços para realizar meus sonhos, a minha irmã por dividir a vida comigo e aos meus avós por me mostrarem o que é amor. Obrigada por todo o carinho e apoio, sou grata pela vida de cada um de vocês.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Adriana e João por todo afeto e dedicação, o incentivo de vocês sempre foi minha maior fonte de força. Sou grata por terem me guiado até aqui e por sempre respeitarem minhas escolhas.

A minha irmã por todas as risadas, carinho e cuidado. Te ver crescendo e se tornando uma pessoa incrível me enche de orgulho.

Aos meus avós paternos Maria Odete e Antônio Firmo por cada conversa, por cada cantoria e por me mostrarem o que é o amor da forma mais linda.

Aos meus avós maternos Francisca e Francisco pelo apoio e dedicação, em especial a vovó Francisca por sempre me orientar da melhor forma, e ser minha maior inspiração.

As minhas primas por dividirem as certezas e as incertezas da vida.

As minhas colegas de curso Nalanda e Eulália por dividirem o peso dessa caminhada comigo, com vocês tudo se tornou mais leve. Nalanda nossa conexão foi instantânea, seu cuidado e apoio me fizeram mais forte. Obrigada por tanto, minha amiga. Eulália seu jeito otimista tornou essa jornada mais leve. Obrigada por cada conversa, abraço e riso.

A Maria Júlia por todo carinho e preocupação, você sempre cuidou de mim independente da distância. Maju, você é luz.

A minha amiga Lara Paula pelos anos de amizade, cuidado e apoio.

Aos meus professores por toda atenção, dedicação e companheirismo durante essa jornada, em especial ao professor Felipe Augusto pela orientação durante todo esse tempo e em especial as que fizeram esse trabalho possível.

# A IMPORTÂNCIA DO JORNAL *O TELÉGRAFO* NA REPERCUSSÃO DA BALAIADA NO CONTEXTO PIAUIENSE

Thais Lorrany Santana Sousa

**RESUMO:** Objetivou-se investigar o jornal *O Telégrafo* e suas contribuições para uma discussão crítica e atual sobre os eventos da Balaiada, um movimento rebelde de grande propagação durante o período regencial, que eclodiu na província do Maranhão entre 1838 a 1841, se estendendo para outras províncias, sendo uma delas a província do Piauí. *O Telégrafo* tem como objetivo narrar esse movimento e seus desdobramentos em solo piauiense. Trata-se de um trabalho qualitativo e exploratório, a partir da pesquisa bibliográfica e do tipo revisão narrativa, com uma análise crítica a fim de elevar a discussão sobre a temática. Foram consultadas fontes como artigos, livros, monografias, dissertações, *sites* especializados em história, a Biblioteca Nacional Digital, dentre outras. O jornal *O Telégrafo* se faz indispensável para um melhor entendimento da Balaiada no Piauí, um periódico clássico oitocentista que estava vinculado ao Manoel de Sousa Martins – Barão e depois Visconde da Parnaíba. O jornal vigorou entre 1839 e 1840 na cidade Oeiras-PI e apresentou sua narração acerca dos acontecimentos em torno desse movimento. Em suma, é possível apreendermos que os materiais acerca de *O Telégrafo* demonstram que este apresentava como aspectos basilares: a descrição dos rebeldes com conotação negativa; a invalidação das intenções do movimento; o fortalecimento da representação social patriótica; a valorização da função militar no controle da revolta; eloquência nas críticas aos que apoiavam a causa rebelde. De modo que a existência do jornal também é uma fonte imprescindível de apropriação da Balaiada no solo do Piauí, acentuando que o movimento se deu com especificidades e características próprias no contexto piauiense. Espera-se que futuras investigações permaneçam a investigar a Balaiada no Piauí com uma leitura crítica dos fatos e para incremento da literatura sobre o tema.

**Palavras-chave:** História, Balaiada; Imprensa; *O Telégrafo*; Piauí.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a Balaiada, um movimento rebelde de grande propagação durante o período regencial, que eclodiu na província do Maranhão entre 1838 a 1841, se estendendo para outras províncias, sendo uma delas a província do Piauí, por meio do jornal *O Telégrafo*, um jornal clássico oitocentista que estava vinculado ao Manoel de Sousa Martins – Barão da Parnaíba<sup>1</sup>. O jornal *O Telégrafo* vigorou entre 1839 e 1840 na cidade de Oeiras/PI, sendo fundado exclusivamente para narrar os acontecimentos acerca do movimento da balaiada

Dalle (2023) define a Balaiada como um movimento rebelde que durou cerca de dois anos (1838 a 1841), reuniu entre seus integrantes por volta de seis a doze mil

---

<sup>1</sup> Manuel de Sousa Martins, primeiro Barão e Visconde com grandeza da Parnaíba, foi uma figura central na história do Piauí e do Brasil era um líder militar e político durante muitos anos.

homens que englobavam ex-escravizados, quilombolas, indígenas, jagunços, comerciantes, alcançando até os senhores de engenho e donos de rebanhos bovinos que dominavam o comércio à época. Estes se armaram e permaneceram unidos em torno de um propósito que fazem desse momento um dos mais memoráveis das lutas brasileiras, em um contexto de grandes mudanças que interpelavam as condições econômicas, sociais e políticas de um Brasil recém-saído de uma independência monárquica centralizada, porém, ainda longe de uma república independente que só viria em 1889.

Nessa efervescência e miríade de fatores que assolavam o país, em 13 de dezembro de 1838, na então província do Maranhão, iniciava-se a empreitada de Raimundo Gomes<sup>2</sup>, que invadia o povoado da Vila da Manga (MA), em busca de libertar seu irmão que se encontrava como preso político, facilitando a fuga deste e outros detentos vítimas do alistamento militar obrigatório, que incomodava até os soldados já alistados, promovendo uma debandada em massa destes homens, que passaram a ser chamados de “bem-te-vis”, sendo os primeiros a se insurgirem aos governos da província e da capital (DALLE, 2023).

Daí, então, considera-se este momento como marco dos eventos posteriores, sendo que desde dezembro de 1838, percorreu os estados do Maranhão, Piauí e Ceará, até seu findar em 1841, quando outros eventos contribuíram para a concretização da rendição dos povos rebeldes, como a anistia assinada por Dom Pedro II em agosto de 1840, mesmo que só reconhecida pelas autoridades dos estados apenas em janeiro de 1841, por meio da pacificação da província (DIAS, 2013).

Desse modo o surgimento da Balaiada reflete o período de instabilidade nas províncias que marcou esta era conhecida como regencial (1831-1840/41), com a abdicação de Dom Pedro I, ainda que, mesmo após a efusão da independência, não se contemplava de forma organizada o Estado Nacional. Ao que, por exemplo, no Grão-Pará, Piauí, Maranhão, Pernambuco e Bahia, movimentos diversos decorreram em insurreições, rebeliões e revoltas e até mesmo revoluções, sendo todas violentamente reprimidas, e encapando eventos históricos como Cabanagem (no Grão-Pará) e Sabinada (Bahia).

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como matriz ser uma pesquisa qualitativa e exploratória, ao se debruçar em análise de fontes bibliográficas e históricas que possam transpor diálogos sobre a Balaiada no território piauiense nos anos de 1839

---

<sup>2</sup> Raimundo Gomes, também conhecido como Raimundo Gomes Vieira Jatahy e Cara Preta, foi um dos líderes da Balaiada. Ele era um vaqueiro que administrava a fazenda do Padre Inácio Mendes e se tornou notório quando reagiu contra o recrutamento forçado e a prisão de seu irmão pelo subprefeito da vila do Manga, José Egito.

a 1840. A fonte histórica utilizada para a construção da presente pesquisa é o jornal *O Telégrafo*, uma fonte documental imprescindível para a memória da Balaiada no sertão de dentro<sup>3</sup>. O jornal *Chronica Maranhense*<sup>4</sup> também será mencionado. No que concerne às referências bibliográficas para fundamentação teórica, dialogamos com Araújo; Silva (2022), Abi-Ramia (2016), Araújo; Silva (2022) Basile (2018), Carvalho; Queiroz (2021), Christillino; Schettini (2020), Dalle (2023), Dias (2002) Dias, (2013), Galves (2021), Guimarães (2015), Janotti (2005), Oliveira (2012), Pereira (2018), Santos (2015), Santos (2022), Silva (2015), Sodré (1999), Sousa (2021) e Veras (2003). Para tanto, a pesquisa bibliográfica   uma importante ferramenta não somente para o embasamento teórico de um tema abordado, como também pode servir como matriz para o delineamento e execu o de pesquisas, ao fornecer para além da busca, a consulta e análises dos materiais disponíveis (BATISTA; KUMADA, 2021).

Por mais que a Balaiada tenha sido um movimento revoltoso de grande propor o na província do Piaul  nos anos de 1839 a 1840, existe uma escassez de pesquisas voltadas para esse movimento no território piauiense. Assim, objetiva-se com este trabalho de conclusão de curso explorar a partir dos registros e materiais encontrados sobre o jornal *O Telégrafo*, como este contribui para o resgate da Balaiada no contexto piauiense, atentando-nos não apenas para a reprodu o acerca do noticiário da revolta, mas na análise crítica destas reprodu es.

## **BALAIADA: FATORES QUE LEVARAM AO SURGIMENTO DA REVOLTA**

Os fatores que encabeçaram o surgimento da Balaiada são considerados frutos de demandas que se estendiam a longo prazo, mas que já não atingiam apenas aqueles mais oprimidos, alcançando os interesses de uma elite cerceada quanto a sua independência política e econ mica, compondo elementos propulsores para uma ebuli o do descontentamento das classes menos favorecidas e de uma parte da elite que não estava de acordo com o cenário político e econ mico:

A saber: a)  s vésperas da Independência, a popula o ainda se concentrava no núcleo inicial da coloniza o, com incipiente inser o no centro sul da capitania; b) a popula o indígena, arredia ao domínio português, era superior   popula o colonial; c) forte predominância de escravos da Guiné na região de *plantation*; d) menor predomin o da escravidão masculina; e) extensos territórios, nas imedia es das zonas de *plantation*, escapavam ao controle das autoridades; f) a média de escravos por propriedade era inferior

---

3 Termo para se referir ao interior da atual região Nordeste.

4 Jornal de perspectiva liberal publicado em São Luís, Maranhão, durante o Período Regencial.

às existentes no engenho açucareiro; g) presença pouco significativa de uma classe média baixa, branca e escravista, capaz de cooperar com a estabilidade do sistema; h) parte da população livre, inclusive fazendeiros de médio porte, era hostil ao governo (GALVES, 2017, p. 3).

A definição de revolta no período regencial vai ser bem complexa, pois vai depender de qual âmbito está sendo discutida, o social ou o político. No âmbito social, o termo revolta será empregado nas lutas em busca de direitos básicos, como é o caso da Balaiada. Mas no âmbito político conservador esse termo é utilizado para uma descrição negativa com o objetivo de enfraquecer o movimento revoltoso, portando é importante analisar esses discursos de uma forma crítica, tendo em vista esses vieses.

O termo ‘Balaiada’ viria a ser intitulado após a saga de Raimundo Gomes no povoado de Manga, quando se passou a reproduzir na imprensa algumas notas, textos e artigos a respeito da revolta de um grupo de pessoas e que se expandia pela província do Maranhão, alcançando depois o Piauí e até o Ceará.

Um destes foi o jornal *Chronica Maranhense* através de uma notícia datada de 23 de dezembro de 1838, relatando os fatos acontecido no povoado da Vila da Manga, e de autoria do jornalista João Francisco Lisboa, que falava sobre a Balaiada, ainda, sob a nomenclatura de “Balaiada dos Anjos”, em razão, de um dos seus líderes ser Manuel Francisco dos Anjos Ferreira.<sup>5</sup>

Este era popularmente conhecido como “balaio” ao ser hábil na confecção e venda de cestos de palha (ver Figura 1). Este mobilizou e incentivou à adesão da população ao movimento contra os governos provinciais, atingindo com os rebeldes exponencialmente grandes áreas territoriais, forçando a necessidade de uma forte repressão militar para o dismantelar das forças organizadas de Anjos (ABI-RAMIA, 2016).

Nesse contexto, a expressão da organização do movimento chamava atenção e já instruía que não poderia ser dado como irrelevante, tanto que as autoridades atribuíam nomes diversos ao levante popular com registros que o nominavam oficialmente como “rebelião, revolta, sedição, insurreição, revolução e sublevação” (ABI-RAMIA, 2016, p. 1).

---

<sup>5</sup> Manuel Francisco dos Anjos Ferreira, também conhecido como Manuel dos Anjos Ferreira ou Manuel Balaio, foi um importante líder da Balaiada. Ele liderou sertanejos e escravizados contra injustiças sociais e econômicas, buscando direitos mais igualitários.

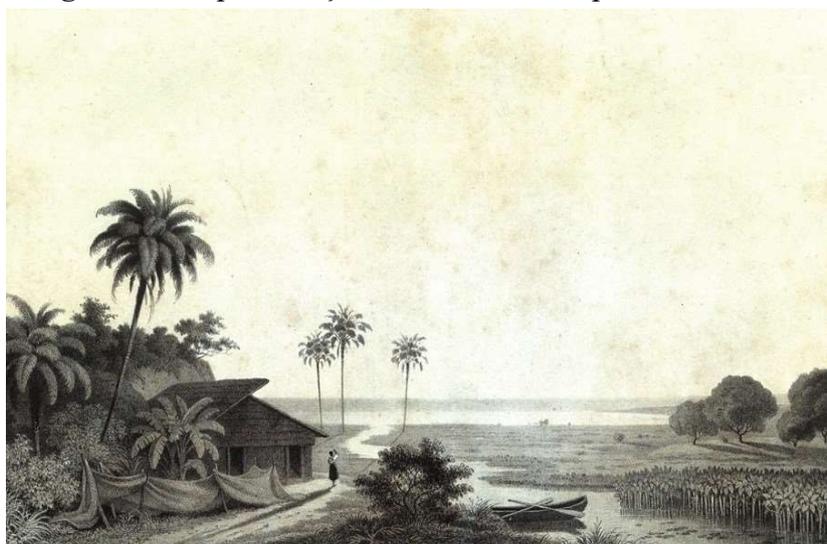
**Figura 1** – Representação do feitio do balaio que deu nome à revolta



**Fonte:** Victor Frond, 1859-1861  
**Acervo:** Wikimedia Commons<sup>6</sup>

Por conseguinte, diante de identificações e mobilizações diversas, a Balaiada é segundo Sousa (2021) o maior movimento social de resistência registrado no Maranhão, ao mobilizar sertanejos em massa por todo o território maranhense, que sobretudo, aproveitando-se da região marcada por povoados, matas, rios e lagoas, marcaram um período de revolta popular inegável para a compreensão dos estudos em história das reações populações contra regimental (Figura 2).

**Figura 2** – Representação do Maranhão à época da Balaiada



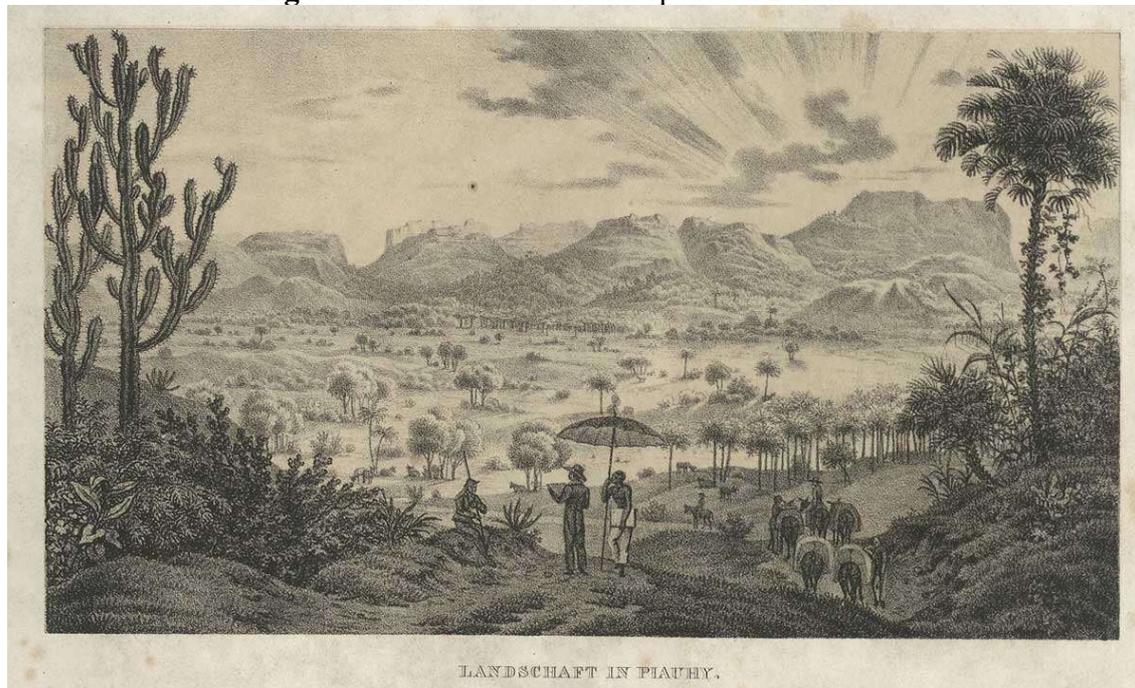
**Fonte:** Carl Friedrich Philipp von Martius, 1841-1889  
**Acervo:** Brasiliana Iconográfica<sup>7</sup>

6 Disponível em <[https://commons.m.wikimedia.org/wiki/File:Victor\\_Frond\\_-\\_Fabricantes\\_de\\_Jac%C3%A1s.jpg#mw-jump-to-license](https://commons.m.wikimedia.org/wiki/File:Victor_Frond_-_Fabricantes_de_Jac%C3%A1s.jpg#mw-jump-to-license)>.

7 Disponível em <<https://www.brasilianaiconografica.art.br/obras/19148/tremetal-vel-pratum-fluctuans>>.

O Piauí também se configurava com uma região de vastas áreas de matas e região de rios propícias a esconderijos que poderiam facilitar que o movimento tivesse engajamento daqueles que conheciam a região (Figura 3).

**Figura 3** – Interior do Piauí à época da Balaiada



**Fonte:** Carl Friedrich Philipp von Martius, 1823-1831  
**Acervo:** Biblioteca Digital Luso-Brasileira<sup>8</sup>

## A BALAIADA NO PIAUÍ: SURGIMENTO E ESPECIFICIDADES

Tal como ocorrera no Maranhão a expansão da Balaiada no Piauí a consagrou como o maior movimento popular do território piauiense na primeira metade do século XIX. Entretanto, no que concerne, ao avanço da Balaiada no Piauí, Santos (2023) traz que há particularidades que o diferenciam, não emergindo apenas como extensão do conflito iniciado no maranhão, tendo características próprias ao representar as querelas sociais, econômicas e políticas piauienses, emergindo a partir do cerne que:

a administração arbitrária do Barão da Parnaíba possuía uma forte relevância para que os piauienses engajassem na revolta, com essa administração havia o recrutamento forçado e a Lei dos Prefeitos que agregaria ainda mais a força de vontade dos revoltosos em contrariar esse governo arbitrário (SANTOS, 2023, p. 12).

<sup>8</sup> Disponível em <<https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/33714>>.

De modo que, no Piauí, a insatisfação da população menos afortunada piauiense com os comandos agressivos e truculentos do Barão da Parnaíba (Figura 4), além do desgaste da sua administração, confluíram para que se interpretassem como propício o findar das arbitrariedades de um comando considerado tirânico, levando à adesão facilitada do Piauí à Balaiada que já se iniciara no Maranhão, com forte interesse que se alcançasse uma vitória (SANTOS, 2023).

**Figura 4** – Manuel de Sousa Martins, o Barão da Parnaíba<sup>9</sup>



**Fonte:** 3º Batalhão de Engenharia de Construção – Batalhão Visconde da Parnaíba  
**Acervo:** Exército Brasileiro<sup>10</sup>

Uma das marcas da revolta que se instaurou no Piauí se deu também por meio de uma singularidade acentuada no Estado, ao ser no contexto piauiense que ocorreram as primeiras debandadas de atores da elite social em prol das revoltas, havendo forte apoio das famílias dos grandes fazendeiros locais. A partir do uso da pauta das injustiças que abalavam as pessoas escravizadas, indígenas, caboclos e os “livres de cor”, para também reivindicarem abolição das amarras do domínio imperial nas províncias (GUIMARÃES, 2017; VERAS, 2003).

Esse aspecto era reflexo também dos variados interesses e visões das motivações que englobavam a insurreição da Balaiada. Com isso, como costumeiramente, os grupos dominantes passaram a gerenciar também o controle das narrativas, assumindo aqui, por meio dos noticiários uma alavanca para o protagonismo do movimento e de argumentos para sua oposição.

<sup>9</sup> Manuel Sousa Martins foi pecuarista, militar e político no Piauí, sendo agraciado com o título de Barão, depois Visconde da Parnaíba. Após o processo de independência do Brasil, foi nomeado como presidente da província do Piauí, tendo ocupado o cargo por quase 20 anos, em três períodos praticamente consecutivos: 1824-1828, 1829 e 1831-1843.

<sup>10</sup> Disponível em <<https://3bec.eb.mil.br/index.php/historico/visconde-da-parnaiba>>.

Ao passo que a premissa do jornal se deu a partir do momento que o Barão da Parnaíba entendeu que a dimensão da rebelião era vultosa já no Maranhão, e que se estenderia ao Piauí rapidamente. Com agravo que grupos de elite no Piauí já aderiam ao movimento, reconfigurando a imagem da rebelião para um caráter essencialmente político entorno da disputa do domínio provincial entre facções oligárquicas da época. De certo que a publicação de um periódico seria peça fundamental na artilharia contra os inimigos que ameaçavam o atual grupo monopolizante (CASTELO BRANCO, 2020).

O que fez com que a Balaiada fosse fortemente afetada pelos efeitos desse processo, ao ser possível observar que o estabelecimento da propaganda acerca das informações do movimento fosse crucial para o apoio e amplitude do movimento. Conforme também ocorrera em outras insurreições de caráter popular, pois, ao difundirem sobre as aspirações destes movimentos, interesses diversos poderiam se organizar ao seu redor, tanto buscando seu rechaço como vindo a apoiá-los, ao serem lançadas disputas que passavam principalmente pelo escrutínio público, como evidenciado com a Balaiada e sua propagação, por exemplo, no Rio de Janeiro (SILVA, 2015).

Isto, em razão, que o período que engloba a Balaiada e outras insurgências estavam alinhadas com uma imprensa brasileira que também se consolidava, ao passo que Oliveira (2012) retrata que em suas diversas fases, a imprensa nacional é parte não apenas da disseminação de informações, mas também reflexo do avanço de pautas e questões sociais emergentes e paulatinamente em ascensão.

## **NOTICIÁRIO DAS REVOLTAS: A IMPRENSA E SEU PAPEL DE DESTAQUE**

Pereira (2018) fala que o século XIX foi um grande propulsor do discurso escrito no Brasil, principalmente, quando a discussão política se evadira, ainda que timidamente, para ocupar novos espaços públicos. Aqui entendendo esses espaços como lugares de manifestações e práticas inovadoras em política para além do domínio das autoridades, facilitando uma nova tipografia do discurso público que saia dos palácios para se difundir nas ruas, criando uma nova sociabilidade para o público.

A autora destaca que, nesse intuito, Bahia e Rio de Janeiro foram palco para o surgimento das duas primeiras tipografias<sup>11</sup>, que por sua vez, passariam a ser os principais redutos dentre as províncias para o alavancar da até então prática desconhecida, a imprensa. Ainda que viria a passar por agruras até solidificar-se no contexto nacional, transpondo momentos de forte expansão e outros de repressão e declínio.

Com efeito que a partir da instalação destas tipografias se construiu um ambiente para que outras emergissem, até que no período regencial (1835-1840) pode-se observar um recuo progressivo da imprensa, principalmente na corte. Ainda assim, circulavam continuamente os pasquins (Figura 5), jornais de caráter político, materiais das facções políticas, em formatos pequenos, de duração efêmera, periodicidade irregular e linguagem virulenta (BASILE, 2018).

**Figura 5** – Exemplar de um pasquim do período regencial



Fonte: *O Grito dos Opprimidos*, 30/04/1833, p. 1

Acervo: Hemeroteca Digital Brasileira/Biblioteca Nacional Digital.

Sodré (1999), entretanto, já destaca que o período que compreende entre 1830 a 1850, é o grande momento da imprensa brasileira, quando apesar de ainda apresentar

11 A *Gazeta do Rio de Janeiro*, publicada em 10 de setembro de 1808, foi o primeiro jornal oficial produzido no Brasil. Na Bahia, a tipografia da Viúva Serva & Carvalho, antiga Silva Serva, surgiu em 1811 e publicou o jornal áulico *Idade d'Ouro do Brazil* a partir de maio de 1811.

fragilidades em recursos técnicos, manufaturais, e não possuir alta distribuição, encontrou com o noticiário político uma força pulsante para seu fortalecimento e fez de seus primórdios um catapultor dos resquícios de sua época.

Em virtude de que desde as décadas de 1810 e 1820 os questionamentos envoltos ao controle absolutista e soberano da coroa já eram disseminados e fortemente acolhidos na sociedade, sendo por meio da imprensa que liam e se atualizavam sobre estas e outras ideias em voga. Atribuindo-se este movimento que desde a revolução de Porto, em 1820, que um novo vocabulário se expandiu para a sociedade letrada, tornando mais acessível o discurso político da época, e semeando os preceitos de liberdade de forma permissiva à abertura de diálogos e debates sobre a até então política imperial luso-brasileira (RESENDE, 2023).

Com efeito que no contexto das revoltas é um aspecto basilar para compreensão de como se propagava os movimentos. Ao que através do protagonismo dos jornais se exerceu um campo para a mobilização popular a respeito dos acontecimentos que envolviam, por exemplo, a Balaiada. Ao que em noticiarem os sentimentos associados a cada movimento, tanto contra, como aqueles a favor, sobretudo, se encadeavam reações na população por onde se circulavam as notícias, vindo a engajar o sentimento de revolta diante dos ocorridos (SANTOS, 2023).

Portanto, desde seu surgimento, expansão e consolidação a imprensa consagrou-se como baluarte para o resgate da nossa história, sendo fonte imprescindível de consulta, orientação e comunicação, abrangendo dos fatos a seus devidos contextos, possibilitando-nos tecer reflexões e críticas a partir de seu arcabouço de informação.

### ***O TELÉGRAFO: O JORNAL E A REPERCUSSÃO DA BALAIADA NO PIAUÍ***

Nesse ínterim da contribuição da imprensa para a explanação das ocorrências de revoltas, é que a repercussão da Balaiada no Piauí tem com um dos principais meios de propagação, e, por conseguinte, um registro histórico das marcas da extensão do movimento para além do Maranhão, a circulação do jornal *O Telégrafo* (Figura 6). Tratava-se de um jornal clássico oitocentista, que vigorou entre 1839 e 1840 na cidade Oeiras/PI, e se debruçava exclusivamente no retrato e representações advindas do contexto da Balaiada no estado (CARVALHO, QUEIROZ, 2021).

Figura 6 – Exemplar de *O Telégrafo* em 23 de dezembro de 1839



Fonte: *O Telégrafo*, 23/12/1839, p. 1

Acervo: Hemeroteca Digital Brasileira/Biblioteca Nacional Digital.

Para estes autores, o surgimento de *O Telégrafo* fomentou a difusão da Balaiada como movimento de expressão popular, com pautas reivindicatórias notórias e com impactos diversos. Contudo, o jornal evocava opiniões parciais e motivadas por interesses políticos e pessoais, servindo como voz do Estado Imperial, passando a apresentar o movimento de forma fortuita e contra prudente aos interesses do estado e suas instituições como representantes reais do poder e verdade. Consolidando-se como uma de suas características a constância desde sua proposta inicial: “esclarecer à população sobre os acontecimentos da rebelião Balaiada” (CASTELO BRANCO, 2020, p. 36).

Isto, em razão, de que por ser apenas o terceiro jornal do estado, era diretamente ligado as forças políticas que comandavam a província, aqui especificamente do governo do Barão da Parnaíba, que se utilizou da veiculação do jornal como principal motor para repercutir a Balaiada, que já se mostrava com rebeldes tenazes e fortemente mobilizados para serem derrotados com facilidade (CASTELO BRANCO, 2020).

A saber que já no editorial da primeira aparição do jornal continha as principais intenções de sua existência:

[...] seu desiderato é esclarecer a opinião pública sobre os acontecimentos da Balaiada, particularmente os que tiverem envolvimento e repercussão na província do Piauí, e que, findo o conflito, o jornal seria imediatamente extinto, pois teria cumprido a finalidade para a qual foi criado (CASTELO BRANCO, 2020, p. 35).

Ademais, um front adotado por *O Telégrafo* era não somente confrontar o movimento, como também expor integrantes da elite que não eram alinhados aos

interesses dos mantenedores do jornal, principalmente, aqueles que apoiavam os revoltos, como ocorrido com Lívio Castelo Branco<sup>12</sup>. Sendo este um dos que costumeiramente eram atacados pelo jornal ao ser datado como fornecedor de recursos materiais e atuar como um risco que deveria ser contido, ao servir como agente de oposição aos interesses de sua própria classe, agindo como um afronto não somente político, como também social (CHRISTILLINO; SCHETTINI, 2020).

Essas nuances tornaram *O Telégrafo* importante para a compreensão de como procedeu a Balaiada no Piauí, quando para além de buscar ser o representante oficial do movimento rebelde, o jornal passou a buscar a ser canal de propaganda militar. Ao que, em um segundo momento, segundo Castelo Branco (2020), ser representante dos feitos militares dos legalistas também tornou um princípio para o jornal como forma de motivar as tropas diante das dificuldades que os subvertiam.

De modo, que nesse contexto, para o autor citado acima, a adoção de uma proposta discursiva do jornal com ênfase nos êxitos militares era crucial para a ciência da população que deveria confiar na estrutura do império para o combate. Ou seja, não bastava apenas informar sobre o andamento da revolta, dever-se-ia ser também expressão do poder do Estado como propagador da verdade sobre as forças, explanar suas glórias, possibilidades reais, grandeza dos apoiadores e arrecadar fundos para o cofre de financiamento da guerra.

Assim, a estratégia do jornal tratava-se basicamente de convencimento do leitor, com os editores seguindo a tese de que a informação seria mais convincente se fosse argumentativa, ao contrário de apresentar-se apenas como opinião, e apenas com um discurso organizado e fortemente reiterado se conseguiria ganhar a opinião pública. Para tanto, o redator divulgava a informação atrelada com a sua própria opinião, com este último atuando apenas como consequência do primeiro.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pode-se verificar a partir da literatura investigada que a presença de *O Telégrafo* é fundamental para compreender os desdobramentos quanto à Balaiada no contexto piauiense. Isto posto, ao analisarmos a literatura e à luz das publicações, podemos destacar que algumas características são marcantes no percurso do *O Telégrafo*, com

---

12 Lívio Lopes Castelo Branco e Silva foi um jornalista, advogado e escritor brasileiro, nascido em Campo Maior no ano de 1813 e falecido em 1867. Ele teve um papel ativo na Balaiada, um movimento popular no Maranhão, e por isso foi perseguido pelo Visconde da Parnaíba.

nuances que delimitavam o interesse narrativo do jornal para além da descrição dos acontecimentos da revolta.

Dessa forma, é possível elencar como exemplos dos pilares do período de reprodução de *O Telégrafo*: a descrição dos rebeldes com conotação negativa; a invalidação das intenções do movimento; o fortalecimento da representação social patriótica; a valorização da função militar no controle da revolta; eloquência nas críticas aos que apoiavam a causa rebelde.

Denota-se também da literatura que a participação da imprensa como emissora e interlocutora dos personagens da Balaiada, tanto nas províncias do Maranhão como no Piauí, foi o principal meio de divulgação e acesso da população em geral aos eventos do movimento, com destaque para o Maranhão em que existia mais de um jornal. Os quais mesmo servindo a interesses diversos possuíam protagonismo, sobretudo, aquele que possuía de relativa independência editorial, o *Chronica Maranhense* (Figura 7).

Estas características do *Chronica Maranhense* são importantes para que entendamos o patamar oposto que perpassou *O Telégrafo*. De modo que, em específico no Piauí, a presença do jornal se deu notoriamente como extensão do poder do Barão da Parnaíba acima do interesse jornalístico, como destaca Castelo Branco (2019, 2020). De modo que o noticiário do levante rebelde tinha como intento principal a sua desqualificação.

Especificidades que em muito se diferenciava da criticidade existente nos noticiários dos eventos da Balaiada presentes no *Chronica Maranhense*. Dado que, segundo Abi-Ramia (2016), no Maranhão a Balaiada foi fortemente noticiada por João Francisco Lisboa, jornalista, escritor e crítico do controle exacerbado do estado, que já concebia seu fazer jornalístico imbricado com a política, tornando-se personagem notório do fazer jornalismo com forte conotação político-social.

Por conseguinte, este se utilizava do *Chronica Maranhense*, onde atuava, como palanque para a redação de suas críticas e ataques ao governo. De modo que contribuiu para a instalação de um ambiente de temor nos governantes com a frequência com que o jornal divulgava opiniões que poderiam influenciar os leitores, não sendo unânime se as posições apregoadas pelo jornal através de Lisboa poderiam se propagar sem intervenção.

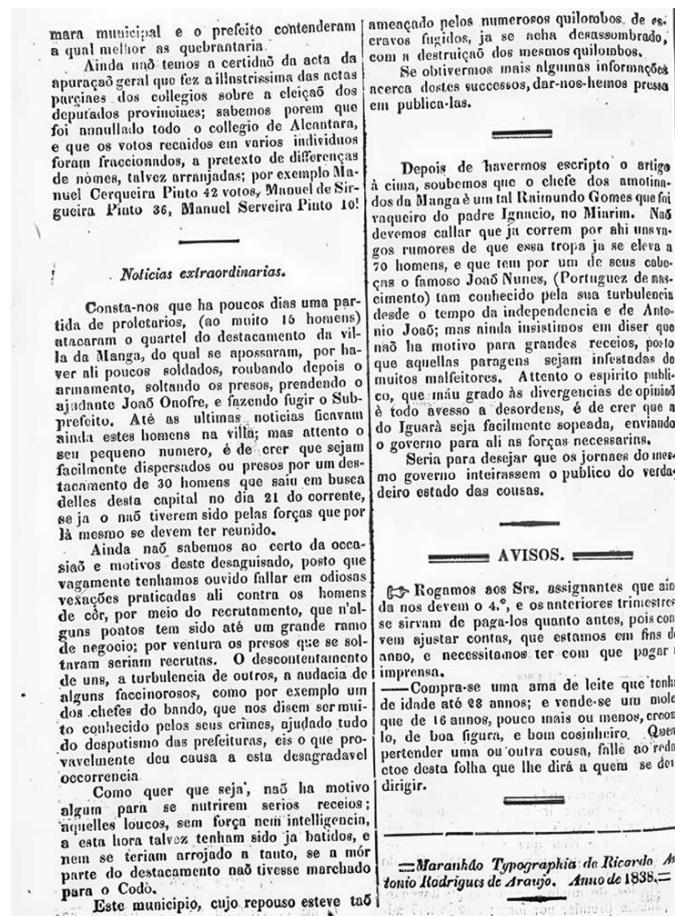
Ainda assim, foi por meio do *Chronica Maranhense*, que a Balaiada teve suas primeiras repercussões no contexto maranhense sem enviesamento sobre seus reais motivos, como reflexo de uma maior flexibilidade e liberdade vivenciadas por Lisboa

no periódico. Ao que em sua publicação de 23 de dezembro de 1838 já era noticiado sobre a revolta que se desdobrava a partir da invasão à Vila da Manga por Raimundo Gomes.

Com efeito que Lisboa é reconhecido como:

No intenso debate político que acontecia na imprensa, Lisboa desempenhou expressivo papel fazendo do periódico onde atuava “a principal tribuna de onde se dirigiam ataques e críticas ao governo”. Consequentemente, seu editor era frequentemente “acusado de fomentar o clima revolucionário na província” (ABI-RAMIA, 2016, p. 1).

**Figura 7** – Exemplar do *Chronica Maranhense* de 23 de dezembro de 1838.



Fonte: *Chronica Maranhense*, 23/12/1838, p. 3.

Acervo: Hemeroteca Digital Brasileira/Biblioteca Nacional Digital.

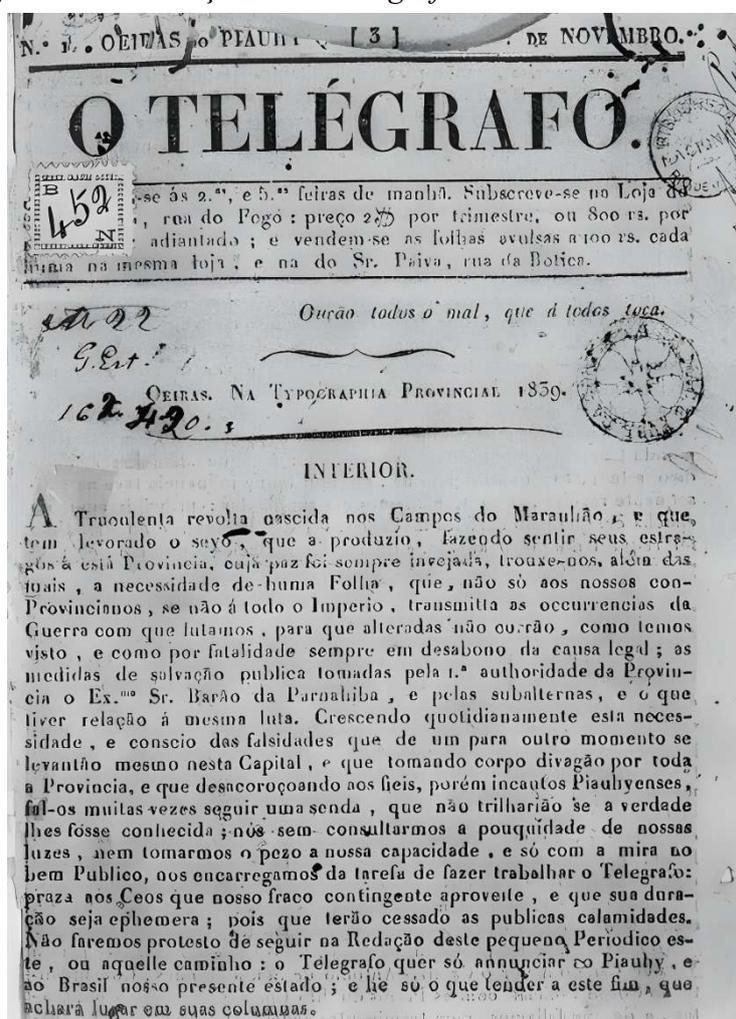
Por sua vez, em *O Telégrafo*, há um viés inclinado a reiterar que o movimento possuía interesse de macular a paz da sociedade como já se iniciara no Maranhão, e alcançava o Piauí deturpando os valores preservados pelo ordenamento do Barão do Parnaíba em manter a pacificação social na província. Para tanto, utiliza-se de termos como, por exemplo, “truculenta revolta” e “estrágos” (Figura 8), que justificavam a

presença de uma “folha” jornalística para manutenção do ‘bem público’ e de preservação da ordem.

Ao que evidentemente o interesse do jornal era de demonstrar que o caráter do movimento era de fragrante banditismo, ainda que, as ações dos líderes do movimento não flertavam com o confrontar as leis, mas na melhoria das condições de vida (VERAS, 2003). Mesmo que como traz Dias a insistência fosse em nomeá-los como:

[...] “recalcitrantes camponeses”, “quadrilhas de danados lobos”, “chusma de insolentes matutos”, “avalanche de tabaréus” (pessoa simples que habitava na roça), “desordeiros”, “multidões de rebeldes”, “quadrilha de ladrões”, “grupos de malvados”, “bando de salteadores”, “quadrilha de rebeldes” (DIAS, 2002, p. 139).

**Figura 8** – Publicação em *O Telégrafo* sobre o início da Balaiada



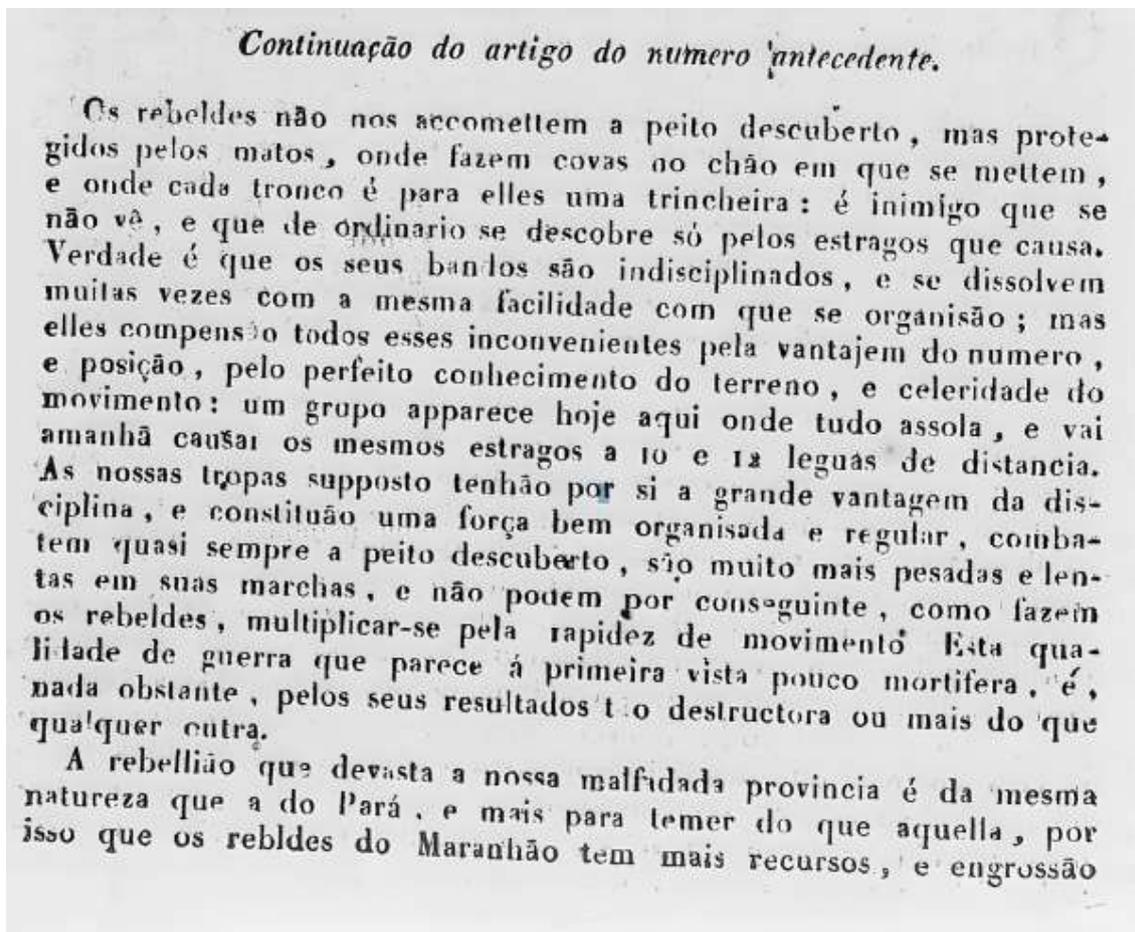
Fonte: *O Telégrafo*, 22/11/1839, p. 1.

Acervo: Hemeroteca Digital Brasileira/Biblioteca Nacional Digital.

Assim, o mote do jornal concentrava-se em pautar o debate aos descrevê-los de forma negativa, ao tempo que a valorização das tropas que se portavam exemplarmente

era constantemente enaltecida, como se expressa no noticiário nº 16 de 13 de janeiro de 1840 (Figura 9):

**Figura 9** – Narrativa do jornal *O Telégrafo* sobre tropas em oposição aos rebeldes



Fonte: *O Telégrafo*. 13/01/1840. p. 2.

Acervo: Hemeroteca Digital Brasileira/Biblioteca Nacional Digital.

Vale ressaltar também que a presença salutar de um noticiário sobre os movimentos rebeldes acompanhava os debates acalorados que permeavam também o momento. O que estimulava pretextos para disputas entre as facções políticas durante a regência e no Segundo Reinado, principalmente contra os liberais, que eram fortemente associados as desenrolar das revoltas nas diferentes províncias, estimulando que ações de repressão como o Ato Adicional (1840) e a reforma do Código do Processo (1841) se efetivassem (SANTOS, 2015).

O nº 39 do jornal de 2 de abril de 1840 (Figura 10) se porta a criticar o apoio dos cidadãos da sociedade piauiense as forças rebeldes, buscando principalmente difamá-los:

Figura 10 – Crítica de *O Telégrafo* aos setores que apoiavam os rebeldes

simples habitantes d'aquelle termo. Vendo que se negaram ao chamamento do Governo, ou por se acharem já prezos a cadêa da revolução, atraheidos por suas doutrinas subversivas da ordem publica, ou por sequestrarem-se ao serviço da guerra, o experto secretario do estúpido Manoel Lucas forma disto um dilemma, dizendo aos Paranaguenses: Vós recusasteis vossos braços ao governo, que vos chamava ao serviço da Provincia, na supposição de que obrarieis contra os vossos interesses, e manterieis caprixos e paixões particulares delle e de seus delegados; e porque não vos unireis á nós, que empunhamos as armas para oppôr uma barreira ás suas arbitrariedades e aos despotismos de seus agentes? Quem n'ó é por nós, é contra nós.

A' estes ajunta ontros sophismas que se não são capazes de fazer ao homem cordato deslisar da carreira da honra, muito impoem aos nescios; e auxiliados de um aluvião de falsidades espalhadas de proposito, estes homens ignorantes, e governados por suas paixões particulares, não encièrgu-do em si o motor de suas acções, despenham o innocente povo no abismo que cavam á sua ambição: obram unicamente para satisfazerem ás suas paixões particulares; querem cevar em seus inimigos a sede que tem de se vingarem, e proclamam-se uns innocentões, fazendo-se acryssolados patriotas, e de seus inimigos (que para os gariunpeiros, e sal-

timbanços não há authoridade que não seja desposta, e caprichosa) nos satanazes, e quanta sucia de fúrias representam no theatro de suas fantezias. Paranaguense! Errae os ouvidos ás perversas doutrinas de miseráveis impostores: não accreditéis ás palavras de capciosos cataventos, que preteem toldar as aguas para n'ellas pescarem os bens dos papalões, que se deixarem levar pelas voses de taes serêas; deixae calar em vossos animos as voses de vossos legítimos superiores: os brasileiros só seram felises obedecendo ás authoridades legitimamente constituidas, e sustentando o Pacto que juraram manter. Si os delegados do governo atrepellam vossos direitos, tendes o recurso de petição á 1.<sup>a</sup> authoridade da provincia, para faze-los conter, e punir: não é crível que um presidente que vos tem governado por alguns lustros, queira marear o esplendor do longo curso de sua presidencia, com actos que se envergonharia de perfilhar. Si assim obrardes recobrareis nossa amizade, e sereis dignos de entrar na communhão dos pacíficos Piauhyenses; si, pelo contrario, continuardes a servir á um pugilo de ambiciosos, tereis de atrepender-vos de vossos desvarios, e á maldição dos homens bons sobre vós calhã: escolhei!

--- De uma carta escripta da Comarca de Caxias, por pessoa fidedigna, extrahimos o seguinte trecho.

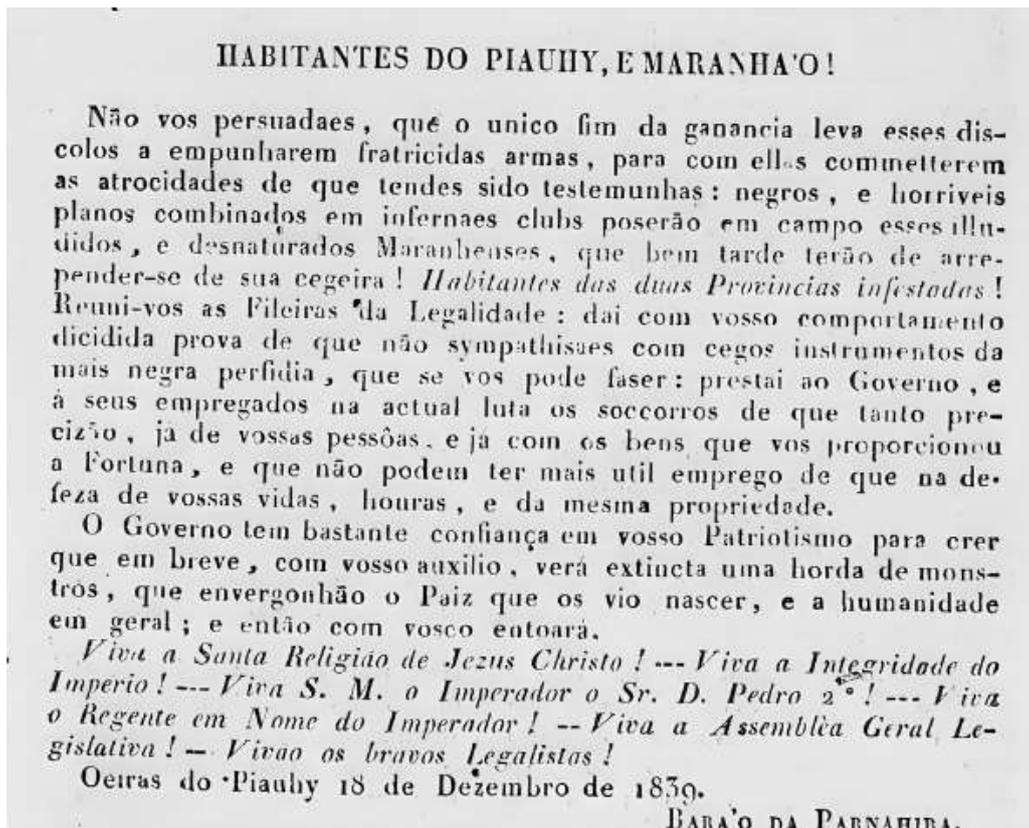
» Não me esquecendo da re-

Fonte: *O Telégrafo*, 02/04/1840, p. 3.

Acervo: Hemeroteca Digital Brasileira/Biblioteca Nacional Digital.

Nessa perspectiva, é que a premissa de valorizar o patriotismo era frequentemente evocada no jornal, de modo que, ao associar os movimentos rebeldes à desordem e a balbúrdia, se buscava fortalecer a narrativa de que estes estavam contra o país. Ao contrário das ações do Estado e das tropas que se mobilizavam pautadas pela ânsia patriótica, como conclama o próprio Barão da Parnaíba no nº 10, de 23 de dezembro de 1839, conforme Figura 11.

**Figura 11 – O Telégrafo em 23 de dezembro de 1839**



Fonte: *O Telégrafo*, 23/12/1839, p. 3.

Acervo: Hemeroteca Digital Brasileira/Biblioteca Nacional Digital.

Para Castelo Branco (2019) ao enfatizar o caráter patriótico contra a Balaiada se poderia atingir:

[...] os corações dos homens, de motivá-los para lutar e para colocar a vida em risco diante de interesses e de valores elevados que seriam o amor pátrio, o desejo generoso de ver os concidadãos livres da opressão e da indignidade provocada por homens ditos como infames, assassinos, cruéis (CASTELO BRANCO, 2019, p. 13).

Nesse contexto, é que podemos conjecturar as razões que inflamavam a retórica do jornal a respeito do papel desempenhado pelo líder rebelde Lívio Lopes Castelo Branco. Enquanto aquele que deveria cooptar forças em prol do Estado e assumir seu dever patriótico, portava-se para além da atuação nos campos de batalha, também como um dos ideólogos do movimento, sendo arauto da rebelião ao passo que também figurava como eminente homem da elite piauiense (DIAS, 2013).

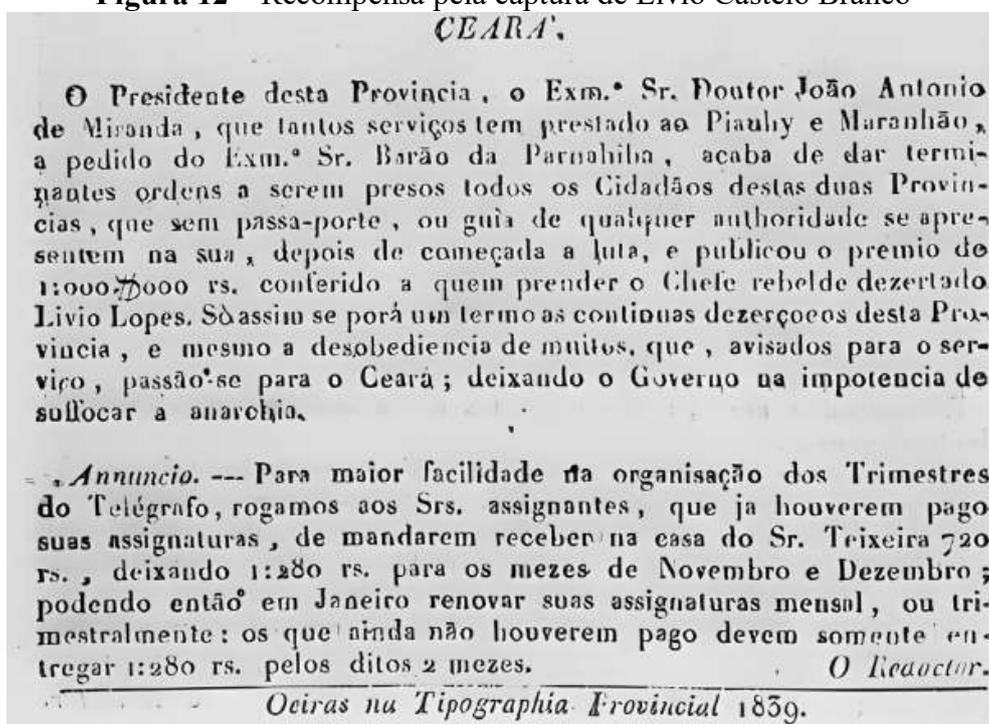
Contudo, que vem a endossar também que a Balaiada é um exemplo nítido do transbordamento da política dos grupos urbanos e letrados alcançando aquelas camadas mais pobres da população, os levando a se apropriar destes embates políticos e sociais e utilizá-lo como combustível para um levante revoltoso (ARAÚJO; SILVA, 2022).

De forma que Lívio Castelo Branco ao não fugir aos padrões vivenciados pelos homens da elite rural do Estado assumia as relações entre a população e poder público, reafirmando esse caráter quando ao aderir ao movimento rebelde vendeu propriedades, levantado capital suficiente para armar um front com 600 homens camponeses, partindo da cidade de Caxias/MA como ponto de partida de seu envolvimento direto na Balaiada (CASTELO BRANCO, 2022).

Estes aspectos certamente contribuíram para os rompantes de ira do Barão da Parnaíba com a pessoa de Lívio Castelo Branco, movendo suas forças para ataques diretos a ele por meio de *O Telégrafo*. Ao passo que, por vezes, associá-lo ao andamento do movimento rebelde prevalecia sobre outros elementos, colocando-o como peça chave para o deslanche da rebelião desde sua primeira publicação segundo Castelo Branco (2022).

E que culminou com uma edição de *O Telégrafo*, nº 6 de 9 de dezembro de 1839, com valores explícitos de recompensa para a captura de Lívio Castelo Branco (Figura 12).

**Figura 12 – Recompensa pela captura de Lívio Castelo Branco**



Fonte: *O Telégrafo*, 09/12/1839, p. 4.

Acervo: Hemeroteca Digital Brasileira/Biblioteca Nacional Digital.

A manchete de captura se juntava a demanda discursiva do jornal e do Barão da Parnaíba em localizar e direcionar seus ataques a Lívio Castelo Branco, o “Chefe

Rebelde”, inclusive com forte conotação que deslegitimasse e o desqualificasse como homem:

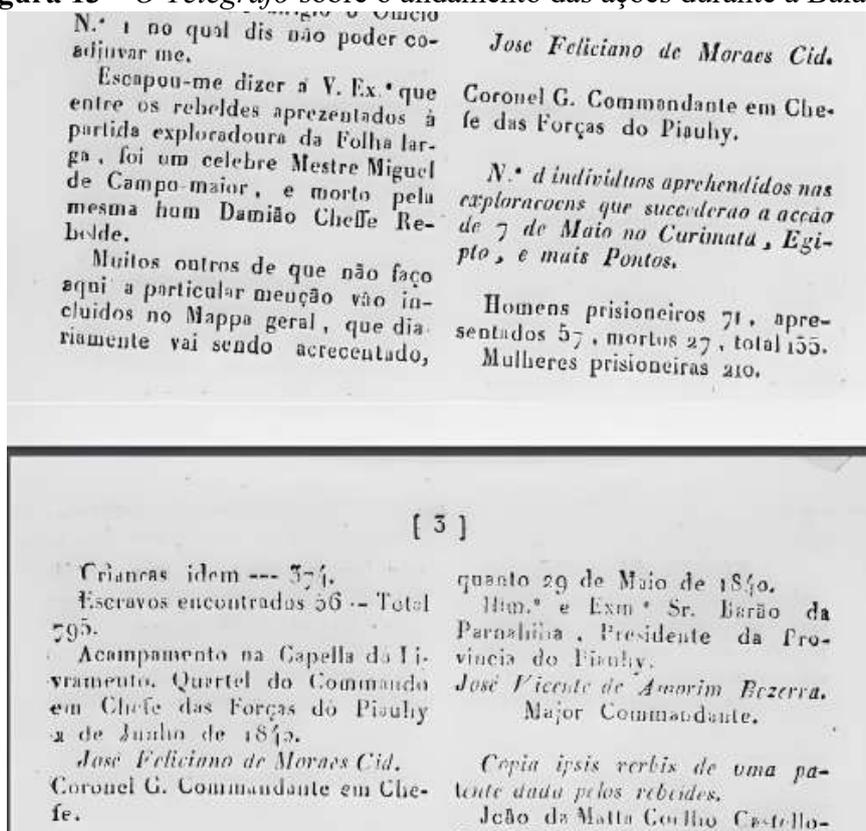
Os escritos de *O Telégrafo*, que satisfazem demandas discursivas localizadas e direcionadas, pois atendem aos interesses do grupo político capitaneado pelo Barão da Parnaíba, constroem a imagem do líder rebelde como um não vir a ser masculino: homem de elite, bem-nascido, inteligente, no entanto, deixa-se levar por ambições menores, alia-se a homens desqualificados na promoção de desordens e de crimes os mais variados (CASTELO BRANCO, 2022, p. 285).

Fatos que demonstram que *O Telégrafo* assumiu forte presença na imagética social para além do reporte do movimento, mas com seus redatores com alcinha para o livre escrutínio público e juízo de valor, sobretudo, daqueles valorosos ao Barão da Parnaíba, sendo método efetivo para a propagação de suas ideias e valores.

Isto se contrapunha ao forte noticiário de valorização das armadas militares em ação no Estado contra a Balaiada, enunciando com frequência as capturas, baixas e expansão do controle sobre as forças rebeldes. Principalmente, através dos feitos de seus comandados como o Major Manoel Clementino de Sousa Martins, o qual destinou louvores em razão de seu falecimento, atribuindo uma faceta quase messiânica a sua persona ao combater a rebelião: “por se tratar de um homem que ajudou a domar a ‘anarquia’ com bastante eficiência, onde conseguiu livrar-se dos ‘facciosos’ em Pastos Bons e ali trouxe tranquilidade” (ARAÚJO; SILVA, 2022, p. 463).

Ao que *O Telégrafo* é marcado em seu curso de publicações pelo publicizar as conquistas das tropas como forma de exaltação de sua função patriótica, bem como, buscando também ressaltar os desgastes das forças rebeldes. Passando a publicar desde meados de 1840 que os revoltosos estavam encurralados e davam sinais de esgotamento, com ampla probabilidade de os legalistas saírem vencedores. Ademais, também, tornaram-se mais comuns estimativas com os números de rebeldes presos, mulheres, crianças e escravos recapturados, além das tropas presentes (CASTELO BRANCO, 2020). Como se pode notar em um recorte do nº 60 da edição de 15 de junho de 1840 (Figura 13).

**Figura 13** – *O Telégrafo* sobre o andamento das ações durante a Balaiada



Fonte: *O Telégrafo*, 15/06/1840, p. 2-3.

Acervo: Hemeroteca Digital Brasileira/Biblioteca Nacional Digital.

Por sua vez, as tropas rebeldes já refletiam também seu desgaste e que culminaria em 1841 com a declaração do findar da rebelião, a Balaiada chegava ao fim. As atribuições dos feitos da vitória foram associadas ao Barão da Parnaíba, sendo este enaltecido pela defesa e legalidade das suas ações e o revitalizando como presidente da província do Piauí (CASTELO BRANCO, 2020).

Atribui-se também aos fatores que levaram a derrota do movimento para além do poder das armas, o que traz Santos (2022) ao destacar elementos como a desunião que fragilizou e dividiu os rebeldes, traições entre os companheiros que buscavam legalidade, fomes e doenças e a ventura decorrente da Lei da Anistia que arrematou muitos rebeldes.

Em seu nº 77 de agosto de 1840 (Figura 14) já se anunciava em *O Telégrafo* a permissibilidade do perdão aos rebelados através da benevolência do imperador Dom Pedro II, de modo a afirmar que a primazia do caráter humanitário obliteraria o continuar das repressões de guerra que marcava os conflitos. Ainda que a pacificação só ocorreria por parte do Estado em 1841 e não atingiria aos escravos rebelados (DIAS, 2013).

Figura 14 – *O Telégrafo* destacando o chamamento com perdão aos rebelados



Fonte: *O Telégrafo*, 15/08/1840, p. 3.

Acervo: Hemeroteca Digital Brasileira/Biblioteca Nacional Digital.

Assim, do princípio da eclosão da Balaiada até seu definhar, *O Telégrafo* assumiu protagonismo na sociedade piauiense durante a emergência do conflito. Tal como similarmente aos outros jornais oitocentistas e do século XIX como trazem Araújo e Silva (2022). Ao que em agir ao bel interesse do seu patrocinador, expressando sua voz e vontade política, sem espaços para o contraditório ou posições neutras, e com execração pública daqueles escolhidos como apoiadores da causa rebelde, se elevou o sentimento da guerra e do conflito para a radicalização social, de modo que se estava a favor ou contra ao Barão da Parnaíba (CASTELO BRANCO, 2020).

Portanto, ao nos debruçarmos sobre *O Telégrafo*, possibilitamos enxergar mais que registros públicos de um período conturbado e conflituoso. É possível também vislumbrar as tessituras sociais de um passado não tão distante, inesgotável com tempo, e que alcança muitas de nossas questões atuais. Acessar aos documentos do jornal

permiti-nos refletir as discrepâncias e nuances do poder que magnetizava as relações, nos ajuda a entender as incursões no entorno da Balaiada no contexto piauiense, e a apreendermos significações que podem ser abstraídas entre suas narrativas sobre poder, controle social, revolta social, desigualdades sociais, patriotismo, dentre outras, que nos chegam quando o olhar crítico atravessa ao folhear de cada uma das suas páginas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Balaiada foi um movimento rebelde que se deu entre 1838 e 1841 com início no Maranhão e estendendo-se posteriormente ao Piauí e Ceará. A gênese do seu conflito está incrustada nas condições sociopolíticas da época que afetavam as margens sociais prevalentes da época: uma elite insatisfeita com a permanência do controle imperial, apesar da declaração de independência em 1822, e uma vasta população em penúria que abarcava camponeses, pobres livres, escravos, entre outros.

Nesse contexto, a insatisfação não cabia apenas nas oratórias e discussões, a política já não jazia apenas nos palacetes, mas alcançava o povo no seu cotidiano através das páginas dos jornais e pasquins. Nessa miríade que marcava o início da década de 1840, e o século XIX em variados momentos, o surgimento de conflitos, revoltas e rebeliões davam-se como reflexo da turbulência social e interesses diversos entre seus segmentos.

Um espaço adequado para a publicidade destes acontecimentos e a manutenção de um discurso forte e organizado ganhou protagonismo com o surgimento da imprensa, e por meio desta, é que o livre espaço de opinião passaria a permear também a narrativa dos fatos, ou seja, apenas noticiar não bastava, era preciso fortalecer argumentos e enrijecer a opinião pública.

Nesse ínterim, o noticiário das revoltas passou a ser forte espaço para o debate público, como se sucedeu com a Balaiada. De modo que os eventos que marcavam o andamento da revolta tornavam-se manchetes nos jornais da época, sobretudo, no Maranhão e no Piauí, palcos das disputas mais intensas do conflito. Aqui especificamente, no contexto piauiense, ganhou destaque a circulação de *O Telégrafo*.

Este tornou-se o principal veículo de informação da rebelião ao reproduzir os mecanismos que marcavam a maioria dos jornais da época: forte controle editorial, domínio da narrativa para orientação da opinião pública e atendendo aos interesses de um grupo social mais abastado. Assim, a premissa do jornal no Piauí foi atender a estas

expectativas sob a custódia do então presidente da província, o Barão da Parnaíba. *O Telégrafo*, portanto, circulou entre 1839 e 1840, atendendo as demandas do seu mantenedor e tornando-se fonte primordial para o resgate dos acontecimentos da Balaiada no contexto piauiense.

Com esse intuito é que se buscou neste trabalho resgatar bibliografias sobre *O Telégrafo*, como este contribui para a discussão crítica e atual sobre os eventos da Balaiada e seus desdobramentos no contexto piauiense. Para tanto, se realizou uma revisão narrativa da literatura em que, a partir do material coletado em fontes diversas, produziu-se uma análise crítica a fim de elevar uma discussão sobre a temática, sem intenção de analisar o caráter das publicações, mas as suas contribuições diante do que abordam.

Foram consultadas fontes como artigos, livros, monografias, dissertações, *sites* especializados em história, o material disponível do jornal na Biblioteca Nacional Digital, dentre outros. Nesse ensejo, foi possível apreendermos que, em suma, a análise dos materiais acerca de *O Telégrafo* demonstra que este estava engendrado em manter: a descrição do movimento como insultuoso, a desqualificação dos envolvidos com a revolta, a ênfase no resgate ao sentimento patriótico que emergia das forças de combate e a representação de uma narrativa dominada pelas ideias do Barão da Parnaíba.

Dessa forma os nos debruçarmos sobre as repercussões do jornal também é possível compreendermos o desenrolar da Balaiada e suas nuances no Estado. Vislumbrando-se os mecanismos do poder com a aglutinação de atores da elite junto as classes mais pobres contrários ao *status quo*, passando pela tratativa de controle da narrativa como aspecto fundamental para o discernimento das intenções do jornal e que culmina com a história do jornal ser imprescindível para a apropriação da Balaiada no solo do Piauí. Portanto, espera-se que futuras investigações permaneçam a investigar a Balaiada no Piauí, articulando-se para o fomento de uma leitura crítica dos fatos e para o incremento da literatura sobre o tema.

## REFERÊNCIAS

ABI-RAMI, J. A Balaiada. **Multirio**, 5 dez. 2016. Disponível em: <https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/artigos/11758-a-balaiada>. Acesso em 21 fev. 2024.

ARAÚJO, J. S.; SILVA, S. F. O jornal “O Telégrafo” e sua atuação na Balaiada durante os anos de 1839-1840. In: ABRANTES, E. S.; PEREIRA, J. J; MATEUS, Y. G. A. S.

(Orgs.). **Histórias e memórias da Balaiada**. São Luís: Editora UEMA; Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022. Disponível em <<https://repository.essex.ac.uk/34310/1/517%20-%20Historias%20e%20memorias%20da%20Balaiada.pdf>>. Acesso em 21 fev. 2024

BASILE, M. O. N. C. Regência E Imprensa: Percursos Historiográficos. **Almanack**, v. 20, p. 1–9, 2018. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/2236-463320182001>>. Acesso em 07 mar. 2024.

CARVALHO, F. F.; QUEIROZ, T. J. M. As Várias Memórias De Lívio Lopes Castelo Branco. **Revista Eletrônica Humana Res**, v. 3, n. 4, 2021. Disponível em: <<https://revistahumanares.uespi.br/index.php/HumanaRes/article/view/101>>. Acesso em 21 fev. 2024.

CASTELO BRANCO, P. V. A Balaiada e as disputas de memória das elites políticas no Piauí oitocentista. **Revista IHGB**, v. 481, p. 41-70, 2019. Disponível em <<https://ihgb.org.br/revista-eletronica/artigos-481/item/108661-a-balaiada-e-as-disputas-de-memoria-das-elites-politicas-no-piaui-oitocentista.html>>. Acesso em 11 mar. 2024.

CASTELO BRANCO, P. V. Imprensa e política no Piauí na primeira metade do período monárquico. **Revista Ágora**, [S. l.], v. 31, n. 1, p. e-2020310107, 2020. Disponível em <<https://periodicos.ufes.br/agora/article/view/29161>>. Acesso em 11 mar. 2024.

CASTELO BRANCO, P. V. Imprensa e política no Piauí, no Período Regencial e início do Segundo Reinado. In: QUEIROZ, T.; CASTELO BRANCO, P. V. (Orgs.) **Páginas impressas: história, imprensa e política no Brasil**. São Paulo: Mentis Abertas, 2020.

CASTELO BRANCO, P. V. Lívio Lopes Castelo Branco, um homem de elite na Rebelião da Balaiada. In: ABRANTES, E. S.; PEREIRA, J. J.; MATEUS, Y. G. A. S. (Orgs.). **Histórias e memórias da Balaiada**. São Luís: Editora UEMA; Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022. Disponível em <<https://repository.essex.ac.uk/34310/1/517%20-%20Historias%20e%20memorias%20da%20Balaiada.pdf>>. Acesso em 21 fev. 2024.

CHRISTILLINO, C. L.; SCHETTINI, V. F. **Política e sociedade no Brasil oitocentista**. Recife: Ed. UFPE, 2020. Disponível em <<https://editora.ufpe.br/books/catalog/download/72/75/2061?inline=1>>. Acesso em 22 abr. 2024.

DALLE, S. Memória: Balaiada, uma revolta de frente ampla. **Focus Brasil**, 14 de dez. de 2023. Disponível em <<https://fpabramo.org.br/focusbrasil/2023/12/14/memoria-balaiada-uma-revolta-de-frente-ampla/>>. Acesso em 21 fev. 2024.

DIAS, C. M. M. Balaiada: a guerrilha sertaneja. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 3, n. 2, p. 1-16, 2013. Disponível em <<https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/73>>. Acesso em 07 abr. 2024.

DIAS, C. M. M. **Balaios e Bem-te-vis: a guerrilha sertaneja**. Teresina: Instituto Dom Barreto, 2002.

GALVES, M. C. O Maranhão nas primeiras décadas do Oitocentos: condições para a eclosão da Balaiada. **Almanack**, v. 15, p. 356–359, 2017. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/2236-463320171511>>. Acesso em 22 abr. 2024.

GUIMARÃES E. Lutas camponesas no império do Brasil: a desmitificação da passividade política do “povo” brasileiro. **Tempo**, v. 23, n. 3, p. 610–616. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/TEM-1980-542X2017v230311>>. Acesso em 21 fev. 2024.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. **O Telegráfo PI**. Brasília: Ministério Da Ciência E Tecnologia E Inovação. Disponível em <<https://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em 25 fev. 2024.

JANOTTI, M. L. M. Balaiada: construção da memória histórica. **História (São Paulo)**, v. 24, n. 1, p. 41–76, 2005. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S0101-90742005000100003>>. Acesso em 22 abr. 2024.

OLIVEIRA, R. S. A relação entre a história e a imprensa, breve história da imprensa e as origens da imprensa no Brasil (1808-1930). **Historiæ, [S. l.]**, v. 2, n. 3, p. 125–142, 2012. Disponível em <<https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2614>>. Acesso em 22 abr. 2024.

PAIVA, V. L. M. O. A Pesquisa Narrativa: Uma Introdução. **Revista Brasileira De Linguística Aplicada**, v. 8, n. 2, p. 261-266, 2008. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rbla/a/gPC5BsmLqFS7rdRWmSrDc3q/>>. Acesso em 30 mar. 2024.

PEREIRA, C. Representantes Da Imprensa Rio-Grandense No Período Regencial: O Continrentino E O Recopilador Liberal. **Almanack**, v. 20, p. 154–69, 2018. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/2236-463320182007>>. Acesso em 21 fev. 2024.

RIBEIRO, J. L. P. Revisão de Investigação e Evidência Científica. **Psicologia, Saúde e Doenças**, v. 15, n. 3, 2014. Disponível em <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/82390>>. Acesso em 15 mar. 2024.

SANTOS, B. C. **A Repercussão Da Balaiada no Piauí (1839-1840)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História), Universidade Estadual Do Piauí – UESPI, Parnaíba, 2023.

SILVA, L. M. **Os sentidos da escrita da História da Balaiada e da Praieira entre 1848 e 1850**. Sociedade Brasileira de Estudos do Oitocentos, 2015. Disponível em <[https://www.seo.org.br/images/Lillian\\_Silva.pdf](https://www.seo.org.br/images/Lillian_Silva.pdf)>. Acesso em 21 fev. 2024.

SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUSA, L. M. M. et al. Revisões da literatura científica: tipos, métodos e aplicações em enfermagem. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Reabilitação**, v. 1, n. 1, p. 45–54, 2018. Disponível em <<https://rper.aper.pt/index.php/rper/article/view/20>>. Acesso em 15 mar. 2024.

SOUSA, R. O. História Pública e Tradição Oral: as narrativas da balaiada na região do Baixo Parnaíba maranhense. **Anais do XXXI Simpósio Nacional de História**. Rio de

Janeiro, 2021, p. 1-23 Disponível em: <[https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628519944\\_ARQUIVO\\_79d11f052ae2ae5d035402081f8fb670.pdf](https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628519944_ARQUIVO_79d11f052ae2ae5d035402081f8fb670.pdf)>. Acesso em 21 fev. 2024.

VERAS, R. M. A Balaiada no Piauí: uma análise a partir do livro didático de história. **Anais do XXII Simpósio Nacional de História**, João Pessoa, 2003. Disponível em <[https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548177542\\_75db9f4c8e23dacfdbecd4fd6fee17eb.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548177542_75db9f4c8e23dacfdbecd4fd6fee17eb.pdf)>. Acesso em 11 mar. 2024.

## FONTES

O TELÉGRAFO. **Periódico**. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em <<https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em 20 de mar. 2024.

CRHONICA MARANHENSE. **Periódico**. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em 22 mar. 2024.